

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 03/12/2015

- [Sinais de maus-tratos em crianças podem ser identificados por dentistas](#)
- [Avanços na erradicação do trabalho infantil em lavouras de tabaco no RS](#)
- [Governo vai acompanhar grávidas com sintomas de zika, diz ministro](#)
- [ONU pede ajuda humanitária a mulheres e meninas em zonas de guerra](#)
- [Programa incentiva apadrinhamento de crianças e adolescentes em Olinda](#)
- [Crianças exploradas nas ruas com a proximidade do Natal](#)
- [Número de crianças pedindo asilo na Europa dobrou este ano, segundo agências da ONU](#)
- [Em dia internacional, chefe da ONU lembra que ainda há 21 milhões de pessoas submetidas à escravidão](#)
- [OPAS - Transmissão de mãe para filho de HIV e sífilis está prestes a terminar em 17 países e territórios](#)
- [Estudantes do Coque contando suas histórias de vida em livro](#)

Assunto: Sinais de maus-tratos em crianças podem ser identificados por dentistas

Fonte: Portal Andi

Data: 03/12/2015



Casos de maus-tratos atingem cerca de 10 milhões de crianças e adolescentes em todo o Brasil, a cada ano. Escolaridade, religião e classe social parecem não influenciar na incidência dos casos, que continuam a prejudicar a infância e o desenvolvimento dessas crianças. No entanto, estudos realizados apontam que os cirurgiões-dentistas têm um papel importante na prevenção, detecção e encaminhamento de casos de maus-tratos, pois grande parte das agressões acontece na face, cabeça e pescoço. “Essa questão vem sendo pesquisada desde 2009 e, com base nos dados de violência intrafamiliar recolhidos, identificamos que a maior parte das lesões sofridas pelas crianças poderia ser facilmente identificada pelos dentistas”, explicou Estela Maris Losso, professora de Odontologia na Universidade Positivo (UP). Para orientar os profissionais da área, foi desenvolvido na universidade paranaense o guia “Maus-tratos Infantis – o Papel dos cirurgiões-dentistas na proteção das crianças e adolescentes”, que foi divulgado em todo o país pelo Conselho Federal de Odontologia (CFO). O conteúdo também deu origem a um aplicativo com o mesmo nome, disponível para celulares com sistema Android pela Google Play. “Com o formato mobile, o objetivo foi disponibilizar as

orientações de forma prática, fácil e gratuita”, explica a professora. Para identificar situações em que quem agride, na verdade, quem deveria cuidar e proteger, o guia aponta alguns sinais claros de negligência, violência física, psicológica e sexual e suas consequências. “Às vezes, a agressão não é visível. Sinais de descuido com a higiene e cuidados básicos, irritação, medo constante e isolamento podem ser sinais fortes de maus-tratos – e os profissionais da saúde devem estar atentos para isso”, explica Estela Maris. Além de identificar os sintomas, o guia orienta também como deve ser feito o encaminhamento do caso. De acordo com o artigo 13 do Estatuto da Criança e do Adolescente, os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente devem ser comunicados ao Conselho Tutelar da região, sem a obrigação de haver provas e com sigilo garantido. O Disque Denúncia Nacional 100 também funciona da mesma maneira. A autoridade policial da cidade ou o Ministério Público também podem ser notificados. “A informação é a arma mais poderosa contra a violência, principalmente contra crianças e adolescentes”, conclui a professora. O guia “Maus-tratos Infantis – o Papel dos cirurgiões-dentistas na proteção das crianças e adolescentes” está disponível *em PDF* e pelo *Google Play*.

Assunto: Avanços na erradicação do trabalho infantil em lavouras de tabaco no RS

Fonte: Portal Andi

Data: 03/12/2015



Foi lançado em novembro o documentário do Programa ARISE – Alcançando a Redução do Trabalho Infantil pelo Suporte à Educação. Projeto em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a empresa JTI International e a ONG Winrock International, o curta de dez minutos condensa o trabalho pela erradicação do trabalho infantil que acontece nas tradicionais lavouras de tabaco em Arroio do Tigre, município do Rio Grande do Sul. Segundo dados do IBGE 2012, mais de 3 milhões de brasileiros com idade de 5 a 17 anos trabalham. Dentro de uma pesquisa realizada pela ARISE no município de Arroio do Tigre, 50% dos produtores agrícolas dizem ser necessária a participação de seus filhos na lavoura. Dado ainda mais preocupante é que 80% dos jovens da região, entre 13 e 17 anos, afirmam trabalhar, enquanto 24% deles manuseiam agrotóxicos. Vale lembrar que o trabalho dentro da agricultura é considerado uma das piores formas de trabalho infantil.

Como a ARISE atua

Em 2012, o programa ARISE foi implantado em Arroio do Tigre para realizar a progressiva diminuição do trabalho infantil. Mais do que combater os sintomas do problema, visava alcançar suas raízes, que tinham bastante relação com os costumes arraigados na população da região, como a prática de contar com a ajuda dos filhos na lavoura desde a tenra idade. O projeto trabalha com três eixos: *Oficinas de Contraturno*, *Qualificação Profissional das Mães e Empoderamento Social e Cultural dos Jovens*. Nas oficinas de contraturno, são oferecidos cursos para manter as crianças entretidas em atividades lúdicas e de aprendizado, como aulas de violão ou de dança. Já a qualificação profissional das mães pretende incrementar a renda familiar, fazendo com que os jovens da família não tenham necessidade de trabalhar. Por fim, o empoderamento social dos jovens deseja resgatar as tradições de agricultura locais para engajá-los a dar continuidade aos negócios. O documentário celebra os resultados positivos da ação. Segundo pesquisa do IBGE, o Rio Grande do Sul foi o estado que mais reduziu o trabalho infantil, retirando 10.194 crianças e adolescentes de dentro das lavouras, entre 2001 e 2010. Como diz Marcia Soares, oficial nacional de projetos OIT no fim do documentário, o sucesso do programa não significa o fim de todos os desafios. A renovação da parceria entre as ONGs para 2016 é um compromisso de diminuir cada vez mais o número de jovens em situação de vulnerabilidade, até sua total erradicação.

Assunto: Governo vai acompanhar grávidas com sintomas de zika, diz ministro

Fonte: Portal Andi

Data: 03/12/2015



A exemplo de medidas já adotadas em alguns Estados, o Ministério da Saúde irá estabelecer uma política de acompanhamento de gestantes com sintomas de zika, afirmou nesta terça-feira (1) o ministro da Saúde, Marcelo Castro. A iniciativa ocorre diante do aumento de casos de microcefalia, má-formação do cérebro que trazer limitações ao desenvolvimento da criança. No sábado, o governo confirmou a relação entre o surto e o vírus zika, transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti*. "Gestante com zika também vai ser acompanhada", afirmou. O possível acompanhamento de grávidas, com exames seriados que podem avaliar os impactos da infecção pelo zika, já estava em estudo pelo Ministério da Saúde. Questionado pela reportagem, o ministro não deu detalhes de como a estratégia deve ocorrer. A medida já é adotada no Estado do Rio de Janeiro e Pernambuco. Além do acompanhamento de gestantes com zika, o governo e secretarias estaduais de saúde trabalham na elaboração de novos protocolos para dar assistência às grávidas cujos bebês foram diagnosticados com microcefalia ainda durante a gestação. Segundo Castro, a situação preocupa e não tem precedentes no mundo. "Tudo isso é novo, nunca aconteceu antes. Não tem literatura, nada". "O que estamos recomendando para gestantes e quem quer engravidar é ter cuidados redobrados. Mosquito tem hábito diurno, e tem preferência pelas extremidades. Usar sapatos, meia e calças. E se possível telar suas casas", afirmou.

AVANÇO DE CASOS

Em um avanço inédito, o país já registra 1.248 casos suspeitos de microcefalia. Os registros já ocorrem em 311 municípios de 14 Estados, segundo boletim atualizado do Ministério da Saúde. O aumento de casos tem surpreendido o governo e profissionais de saúde. Para comparação, na última semana, o boletim apontava 739 casos -um aumento de 68%. Entre os Estados, Pernambuco registra o maior número de casos, com 646 registros em investigação. Em seguida, estão Paraíba, com 248 ocorrências, Rio Grande do Norte, com 79, e Sergipe, com 77. Também já informam casos Alagoas (59), Bahia (37), Piauí (36), Ceará (25), Rio de Janeiro (13), Tocantins (12), Maranhão (12), Goiás (2), Mato Grosso do Sul (1) e Distrito Federal (1). Em geral, crianças com microcefalia podem ter problemas no desenvolvimento, com limitações para falar, andar, escutar, a depender da gravidade do caso. Cerca de 90% dos casos de microcefalia estão relacionados a alguma deficiência mental. Em situações mais graves, a ocorrência pode levar à morte do bebê. Para identificar os casos, o Ministério da Saúde recomenda que profissionais de saúde sigam os protocolos formulados ou utilizados pelas respectivas secretarias de saúde, que informam quais exames devem ser realizados e estabelecem hospitais de referência para atendimento às mães e bebês.

Assunto: ONU pede ajuda humanitária a mulheres e meninas em zonas de guerra

Fonte: Diário de PE

Data: 03/12/2015



"A saúde e os direitos das mulheres e adolescentes não deveriam ser tratados como uma ocorrência tardia nas respostas humanitárias"

Nova York - Milhares de mulheres e meninas envolvidas em conflitos ao longo do mundo precisam de serviços de saúde sexual e reprodutiva, informou o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) nesta quinta-feira.

A agência pediu em seu boletim anual sobre o Estado da População do Mundo o reforço da assistência às mulheres em zonas de guerra e em áreas de desastres.

"A saúde e os direitos das mulheres e adolescentes não deveriam ser tratados como uma ocorrência tardia nas respostas humanitárias", disse Babatunde Osotimehin, diretor-executivo da UNFPA.

"Para a mulher grávida que está prestes a dar à luz ou a adolescente que sobreviveu à violência sexual, os serviços de salvamento são tão vitais quanto a água, a comida e o refúgio", acrescentou.

Das 100 milhões de pessoas que precisam de ajuda humanitária no mundo atualmente, cerca de 26 milhões são mulheres e adolescentes em idade reprodutiva.

"Ter os recursos para prevenir uma gravidez e segurança diante da violência sexual: estes são os direitos humanos básicos", destacou Osotimehin.

A sobrevivência das mulheres e meninas em uma crise depende com frequência do acesso aos serviços básicos de saúde, como as parteliras ou a prevenção de HIV, explicou o relatório intitulado "Refúgio para a tempestade".

Três de cada quatro mortes maternas no mundo ocorrem em países em crise.

Todos os dias 507 mulheres morrem por complicações na gravidez e em partos em Estados frágeis.

Este pedido chega num momento em que a ONU tenta ajudar 60 milhões de deslocados pelos conflitos, quatro milhões deles que fugiram da guerra na Síria, no que é a pior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial.

O fundo destacou que 123.000 mulheres estavam grávidas durante a epidemia de Ebola em Serra Leoa e 126.000 quando foi registrado o devastador terremoto do Nepal em abril.

Assunto: Programa incentiva apadrinhamento de crianças e adolescentes em Olinda
--

Fonte: Diário de PE

Data: 03/12/2015



A oportunidade de estabelecer laços afetivos com a sociedade.

A Vara da Infância e Juventude de Olinda está desenvolvendo uma iniciativa para garantir aos jovens que vivem em casas de acolhimento a oportunidade de estabelecer laços afetivos com a sociedade. O serviço, denominado Anjos de Olinda: Programa de Apadrinhamento de Crianças e Adolescentes, permite que pessoas possam conviver com as meninas e meninos, por exemplo, nos fins de semana.

O modelo é diferente da adoção. Para aderir ao apadrinhamento afetivo, os interessados devem ligar para o fone: 3182.2681 ou comparecer, das 12 às 18h, ao Departamento da Equipe Interprofissional, que funciona no Fórum Lourenço José Ribeiro, na Avenida Pan Nordestina, km 4, na Vila Popular, Olinda.

Assunto: Crianças exploradas nas ruas com a proximidade do Natal
Fonte: Diário de PE
Data: 03/12/2015



Meninos e meninas são carregados pelos braços ou exibidos em carrinhos de bebê para sensibilizar as pessoas.

De tantas crianças nos canteiros e nas calçadas, a Rua Professor Arnaldo Carneiro Leão, em Boa Viagem, lembra uma creche. São meninos e meninas carregados pelos braços ou exibidos em carrinhos de bebê para sensibilizar os “bons corações” nesta época, quando adultos, muitos sem relação paternal com as crianças, pedem roupas, brinquedos, alimentos e dinheiro. A segurança e o conforto dos meninos e meninas pouco importa nessas horas. Passava das 10h30, quando ontem dois, usando fraldas descartáveis, corriam de um canto a outro da calçada de um empresarial, enquanto um recém-nascido suava nos braços de uma senhora que estendia a mão para os motoristas. Bem perto, em outro cruzamento da rua, um adolescente de cabelos encaracolados carregava o irmão menor, que dormia em seus ombros. A mulher e o adolescente franziam a testa e cerravam os lábios para reforçar o aspecto de sofrimento. Minutos depois, o adolescente colocou o irmão em um carrinho de supermercado e seguiu pelo meio em direção a Setúbal. Foi embora com alguns trocados no bolso, dados por motoristas que baixaram os vidros de seus carros e estenderam a mão. E, pensando em fazer caridade, esquecem que serão os seus gestos um dos principais motivos para o retorno das crianças às ruas.

Assunto: Número de crianças pedindo asilo na Europa dobrou este ano, segundo agências da ONU

Fonte: ONU

Data: 03/12/2015



Aproximadamente um terço dos refugiados que morreram no Mar Egeu eram crianças. UNICEF destaca a vulnerabilidade das crianças na jornada para a Europa e os procedimentos tomados nas fronteiras.



ACNUR colabora no resgate de crianças sírias no Mar Mediterrâneo

O número de crianças pedindo por asilo na União Europeia dobrou este ano em relação a 2014, e cerca de um terço dos refugiados e migrantes que se afogaram no mar Egeu eram crianças, de acordo com informações do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) publicadas na terça-feira (1).

Neste ano, crianças representam um quarto das 730 mil pessoas que chegaram na Europa na Grécia, através do

Mediterrâneo ou pela rota dos Balcãs, segundo a agência da ONU e a Organização Internacional para as Migrações (OIM).

Depois de uma redução no mês de novembro, o número de chegadas à Grécia voltou a crescer, como desembarque de outras 2.5 mil pessoas na segunda-feira (30), de acordo com o porta-voz do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), William Spindler. Aproximadamente, 140 mil pessoas cruzaram o Mediterrâneo em novembro, comparado a 220 mil em outubro. A diminuição se deveu ao tempo e à repressão da Turquia ao tráfico de pessoas.

Somente em outubro, ao menos 90 crianças morreram no Mediterrâneo Oriental. A maioria das crianças que se afogaram neste ano é síria, afegã e iraquiana e tinha menos de 12 anos.

“Travessias imprevisíveis na fronteira dos Balcãs, os procedimentos tomados nessas fronteiras e o inverno rigoroso aumentaram os desafios para as crianças enfrentam ao deslocar-se”, afirmou a porta-voz do UNICEF, Sarah Crowe.

“No mês passado, 52% das pessoas que cruzaram a divisa nos Bálcãs eram mulheres e crianças, um aumento de 27% do verão. Essa crise se tornou uma crise de crianças e suas mães”, completou Crowe, acrescentando que , entre o grupo, há mulheres que acabaram de dar à luz, bebês, crianças pequenas, com deficiência e meninos e meninas separados de suas famílias durante a jornada.

O relatório também destaca que 61% dos refugiados e migrantes na Grécia são da Síria, 22% do Afeganistão, 7% do Iraque, e 3% do Paquistão – todos afetados por conflito, insegurança e instabilidade política.

Assunto: Em dia internacional, chefe da ONU lembra que ainda há 21 milhões de pessoas submetidas à escravidão

Fonte: ONU

Data: 03/12/2015



No Dia Internacional para a Abolição da Escravatura, Ban Ki-moon chamou a atenção para formas modernas de trabalho escravo e forçado. Refugiados são população de risco.

Por ocasião do Dia Internacional para a Abolição da Escravatura, celebrado nesta quarta-feira (2), o secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, alertou a comunidade internacional a respeito dos riscos que as 60 milhões de pessoas deslocadas no mundo enfrentam de serem escravizadas ou vítimas do tráfico humano. Estimativas indicam que, atualmente, 21 milhões de indivíduos são submetidos ao trabalho forçado.



Criança é forçada a trabalhar no Paquistão

“A escravidão tem muitas formas modernas, desde o trabalho pesado de crianças enquanto serviços domésticos, trabalhadores agrícolas e operários, até os trabalhadores forçados lutando para pagar dívidas crescentes, até as vítimas de tráfico sexual que aguentam abusos horrorosos”, afirmou Ban Ki-moon. Informações da Organização Internacional do Trabalho (OIT) indicam que o trabalho forçado gera 150 bilhões de dólares em lucros ilícitos.

O diretor executivo da OIT, Guy Rider, também se pronunciou a respeito do Dia Internacional. “A escravidão é um abuso fundamental aos direitos humanos e um objetivo central para a justiça social. É uma afronta à nossa humanidade e não tem lugar no século XXI”, disse. O chefe da Organização apelou a todos os governos para que ratifiquem e implementem o Protocolo de Trabalho Forçado, proposto pela OIT.

Até agora, apenas o Níger e a Noruega ratificaram o acordo. A meta da agência é recolher 50 ratificações até 2018. “A erradicação da escravidão moderna requer uma legislação forte, uma implementação rígida, um comprometimento conjunto dos países e parceiros sociais, assim como sistemas de apoio efetivos para as vítimas”, explicou Rider.

Ban Ki-moon também solicitou que os Estados-membros contribuam para o Fundo de Segurança Voluntário sobre Formas Contemporâneas de Escravidão da ONU, que presta assistência humanitária, financeira e legal para dezenas de milhares de vítimas pelo mundo. O chefe das Nações Unidas também lembrou que a Agenda 2030, recém-adotada pela comunidade internacional, contém objetivos e metas específicos para erradicar o trabalho forçado.

Assunto: OPAS - Transmissão de mãe para filho de HIV e sífilis está prestes a terminar em 17 países e territórios

Fonte: ONU

Data: 03/12/2015



Cuba foi primeiro país do mundo a receber a validação oficial da OMS de que eliminou a transmissão materno-infantil de HIV e sífilis. Brasil avança para conseguir a validação e diretora da OPAS destaca progresso em toda a América Latina e o Caribe.



O teste do pezinho ajuda a identificar a existência de transmissão de mãe para filho de HIV e sífilis

Dezessete países e territórios das Américas forneceram dados indicando que podem ter eliminado a transmissão de mãe para filho de HIV e sífilis, de acordo com um novo relatório da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), apresentado na ocasião do Dia Mundial de Luta contra a Aids (1 de dezembro). No entanto, estima-se que 2.500 crianças na região nasceram com o vírus em 2014.

Segundo o informe Eliminação da transmissão materno-infantil do HIV e da sífilis nas Américas 2015, 17 países (nove a mais do que em 2013) apresentaram dados consistentes com a eliminação das duas enfermidades: Anguila, Antígua e Barbuda, Barbados, Bermudas, Canadá, Chile, Cuba, Dominica, Montserrat, Porto Rico, Saba e São Cristóvão e Névis. Esses países e territórios concentram 34% dos nascimentos da região.

“Os países das Américas têm feito grandes esforços para diminuir a transmissão materno-infantil do HIV, reduzindo pela metade as novas infecções desde 2010”, afirmou a diretora da OPAS/OMS, Carissa F. Etienne. “Podemos fazer mais para proteger as mães e crianças e alcançar uma geração livre da AIDS”.

Em 2014, 96% das mulheres grávidas na América Latina e Caribe fizeram pelo menos uma consulta pré-natal, 75% fizeram o teste de HIV e 81% das que necessitam de tratamento o receberam. Esses números mostram aumentos de 2%, 21% e 45% respectivamente desde 2010, quando a OPAS/OMS e UNICEF colocaram em marcha a Iniciativa Regional de Eliminação da Transmissão Vertical do HIV e da Sífilis Congênita, com o objetivo de apoiar os países nessa tarefa.

Se não forem tratadas, mulheres que vivem com HIV têm de 15% a 45% de chances de transmitir o vírus para seus filhos durante a gravidez, parto ou aleitamento. Se o tratamento é

feito e elas têm acesso a um conjunto de intervenções nas etapas em que se pode ocorrer a infecção, o risco reduz a menos de 2%. O relatório aponta que o Brasil se encontra perto de alcançar a eliminação de mãe para filho do HIV, mas precisa mais esforços para reduzir o número de infecções de sífilis.

Em relação à sífilis, a triagem nas gestantes da América Latina e Caribe permaneceu estável em relação a 2010, em aproximadamente 80%. Em 2014, foram notificados 17.400 casos de sífilis congênita em 32 países das Américas que enviaram dados à OPAS/OMS.

A transmissão vertical do HIV é considerada eliminada como problema de saúde pública quando um máximo de 2 em cada 100 crianças nascidas de mães com HIV contraem o vírus. No caso de sífilis, isso ocorre quando não mais do que 5 em cada 10.000 nascem com essa doença.

Neste ano, Cuba se tornou o primeiro país do mundo a receber a validação oficial da OMS de que eliminou a transmissão materno-infantil de HIV e sífilis. Outros 16 países estão em condições de solicitar a validação.

Assunto: Estudantes do Coque contando suas histórias de vida em livro

Fonte: Governo do Estado de PE

Data: 03/12/2015



A história de vida de 71 estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio Joaquim Nabuco foi retratada no livro “A História de Vida dos Estudantes do Coque”, lançado pelos próprios estudantes na tarde desta terça-feira (01), no auditório do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Para a abertura do evento, integrantes da Orquestra Cidadã fizeram uma apresentação para o público presente.

A obra contou com o apoio da gestora da instituição, Izabel Sena, e do professor de Língua Portuguesa George André. Izabel explica que o projeto surgiu através das aulas de Português e das oficinas de Linguagem. “Eles sentiram a necessidade de contar um pouco do seu cotidiano e oferecer ao leitor uma visão da vida dentro da comunidade do Coque. Além, claro, de mostrar a esses educandos a importância da leitura e da escrita”, disse.



No livro, os jovens escritores contam o seu cotidiano, lembrando diversos momentos da infância até os dias de hoje. A estudante, Camila Vitalina, 17 anos, sonha em ser modelo e pretende cursar Moda. Ela conta que o que mais marcou sua infância foi o afastamento de sua mãe. “Ela precisava trabalhar e eu fui morar com meus avós maternos em Garanhuns. Só voltei aos 12 anos”. Apesar da distância da figura materna, Camila sempre expressou seu amor. “Ela é tudo que tenho. Minha amiga, minha companheira, não trocaria ela por nada. Escrever sobre minha história foi uma libertação”, explica.

Já a estudante Sue Ellen Barros, 17 anos, quer ser turismóloga. Ela conta que, no início, não acreditou muito no projeto. “Escrevi achando que não daria certo, que seria apenas mais um projeto esquecido, mas quando vi a repercussão percebi que valeu a pena”. Na obra, ela explica também sobre as dificuldades de morar em uma comunidade estigmatizada pela violência. “Agradei muito a Deus pela oportunidade de mostrar que, mesmo morando em um lugar conhecido como violentos, aqui dentro da minha comunidade existe esperança”, finaliza.